



ROYAL-EXCHANGE, OU BOLSA DE LONDRES.

ULTIMO INCENDIO DA BOLSA DE LONDRES.

A Bolsa de Londres, ou como nós vulgarmente chamamos a praça, edificio onde se reunia a numerosa classe dos negociantes daquella metropole do commercio universal, ardeu infaustamente em consequencia d'um incendio imprevisito, rapido, voraz e desastroso, em a noite de 10 para 11 de Janeiro de 1838. A primitiva casa tinha sido construida magnificamente á custa de Thomás Gresham, mercador, em 1566 a 1567, reinando a famosa rainha Isabel; porque anteriormente se ajuntavam os negociantes na rua, em *Lombard-Street*: permaneceu intacta durante um seculo; mas com o grande fogo de Lon-

TOM. IV. Agosto 22. — 1840.

dres, de 1666, foi de todo destruida. Dahi a dois annos, sob os auspicios de Carlos 2.^o reedificou-se, e por direcção do architecto Wren se concluiu o edificio, que em 1838 foi novamente pasto das chammas, que o reduziram a completa ruina. A conflagração foi geral e violenta, manifestando-se ás 10 $\frac{1}{2}$ da noite; e em menos de hora e meia já não havia esperanza de salvar o edificio, que ás quatro da manhã era todo elle no interior um confuso montão de ruinas abrasadas e fumegantes; apenas ficou de pé a estatua de Carlos 2.^o no centro do pateo, cahindo todas as paredes com o immenso e pesado viamento, sepultando-se no entulho as estatuas dos reis e rainhas de Inglaterra desde o undecimo secu-

lo, que occupavam os nichos dos quatro angulos do edificio pela parte de dentro, subsistindo tão somente no meio de tão rapida devastação as paredes maciças de pedra no exterior, e a torre, para assim dizermos, em esqueleto: esta tinha sido feita em 1321 para substituir a antiga; e a sua altura era de 126 pés. Assim no curto espaço de poucas horas ficou destruida uma das esplendidas construcções da capital da Graã-Bretanha, que o jesuita Fonseca na relação da embaixada do conde de Villar-major descreve por esta fórma: — «É um famoso edificio, todo de pedra lavrada, em fórma quadrangular, feito á maneira de claustro de frades: tem 270 pés de comprido e 200 de largo: no qual se ajuntam todos os dias feriados desde as onze horas até as duas os mercadores de todas as nações do mundo a conferir sobre os seus negocios. Assim os frontispicios como o interior do claustro da Bolsa está repartido em nichos com varias estatuas dos reis e rainhas d'Inglaterra; entre ellas a que mais avulta é a de Carlos 2.^o, marido da nossa serenissima senhora, D. Catharina, e tem no pedestal uma elegante inscripção, que não traslado por não ser molesto.» — E mais adiante, a pag. 126, diz que «a Bolsa de Amsterdam excede á de Londres na grandeza, porem não na magnificencia.»

A perda que com o funesto incendio soffreu a classe mercantil foi grande, mas não tão fatal como á primeira vista se julgou, ainda que se anniquilaram importantes registos e livros de contas. Os zelosos magistrados de Londres acudiram logo offerecendo as casas consistoriaes [Guild-Hall] para substituirem temporariamente a casa da Bolsa: a espaçosa *London-Tavern* foi destinada para accommodação da Companhia de Seguros de Lloyd, e para a outra do Royal-Exchange concedeu-se a antiga casa do banco de Esdaile & C.^a; e assim outras providencias mais se deram opportuna e promptamente.

O PINTOR RUBENS.

Historia do 17.^o seculo.

IV.

RUBENS sahira de Paris com a alma angustiada e extremamente descoroçoado: era homem de nobre e generoso coração, habituado a tratar as mais graves questões lealmente, e a resolve-las por meios licitos e francos, e nada podéra conseguir contra a refalsada astucia e infames ardis de Richelieu: ainda o affligia mais a inerte frouxidão de Luiz 13.^o: era-lhe intoleravel a idéa de ver que um rei vacillava sob o peso da corôa e se deixava estar indeciso e futil perante os espantosos deveres que lhe incumra a Providencia. — Pobre França! (dizia o pintor para consigo) estás governada por homens, que não comprehendem que *o poder deve ser a justiça por excellencia*, e que esta sublime emanção da Divindade perde todos os vestigios da sua origem celestial assim que sahe dos limites da virtude. Para Luiz é *o poder uma carga com que não pode* e chama outro para lhe ajudar a supportar o peso. Para Richelieu é *o poder uma arma incompetente*, que elle bem sabe que d'um momento para outro lhe podem tirar das mãos, e por isso trabalha pela jogar de toda a forma, derribando tudo o que se ergue ao redor d'elle. Que piedade podem a nobreza e cidadãos esperar d'homens que pisam aos pés os mais sagrados sentimentos e affeições? que para firmarem a sua politica repellam o amor materno e o respeito filial?... Ah misera rainha! que desesperação te aguarda! E que lagrimas

não derramarás quando souberes que teu filho não cuspiu na cara do ministro, que em sua propria presença ousou accusar-te!... á rainha mãe!.. e accusa-la de assassinio do marido, de venificio propinado ao filho!.. E o rei não deu o menor signal d'indignação.. não se commoveu.. e ouviu como cousa indifferente aquellas palavras infames!... Dou-vos graças, ó meu Deus, por me terdes feito, por vossa infinita misericordia, pintor e não rei!.. Dou-vos graças, por me terdes dado uma vida laboriosa, mas pacifica!.. Novas graças vos dou por me terdes deixado passar a existencia apegado á minha crença augusta, e no seio dos suaves e sanctificados prazeres familiares!... Emfim, eu cumprirei minha obrigação até a ultima. O monarcha da França abandona sua mãe, serei eu o auxiliador da mãe do rei de França. Quando eu era um pintor, novo e pouco conhecido, ella estendeu-me a mão patrocinadora: agora que tudo lhe falta e todos a atraçoam na velhice, serei eu o seu arrimo. Talvez que com isto padeça e se amesquinhe a herança de meus filhos; mas que vale isso?... Não será melhor deixar-lhes uma reputação immaculada? Ninguem terá jus de lhes dizer: «Rubens foi um ingrato».. Deus encaminhou a rainha para a minha casa; seria eu indigno da divina misericordia se não desempenhasse fielmente a missão que poz a meu cargo... Postilhão, instiga os cavallos; careço muito de chegar promptamente a Colonia. — Porem d'istante para instante sobrevinham incidentes novos que retardavam o progresso da viagem; ora não estavam a ponto as mudas; ora se quebrava algum arranjo da caleça. Outro tanto não acontecia á sege de posta que transportava o P.^e José (1), e que levava já muita dianteira á caleça de Rubens: correios preparavam as mudas com muita antecipaçoão; seis dos mais velozes cavallos da equipagem do cardeal levavam a sege pelo ar; e facil é de advinhar que as instrucções que deixava no caminho o frade capucho concorriam para os desastres da viagem de Rubens, se é que não eram a causa principal: de forma que Fr. José entrou em Colonia obra de meio dia primeiro que o pintor.

Cuidou logo o emissaño de Richelieu em procurar a habitação da rainha mãe; mandou parar a sege n'uma rua remota, onde se apeou e foi em demanda daquella casa: quem primeiro encontrou foi a disforme creaturinha, tão predilecta de Maria de Médicis, como já vimos, o anão Langely, que sahira ao encontro do padre. Fr. José fez-lhe um signal com a cabeça... — Estão cumpridas as vossas instrucções (disse o mesquinho individuo). Logo ao terceiro dia que chegámos a Colonia apossei-me de quanto dinheiro trouxera o filho de Rubens... — «Depois... (perguntou Fr. José)... — Depois a pateta poz-se a chorar a bom chorar, como mulher. Houve conselho em casa: e mandaram pela posta a Antuerpia um creado da rainha: mas quem havia ser: Bellini.. E Bellini poz-se a caminho de Paris. A final, para aviar depressa, depois de duas semanas de miseria e de espera, resolveu-se o pobre rapaz, Francisco, a partir para a terra em demanda de pecunia. —

— E a rainha! —

— «Ficavam ainda as açafatas... Ao que parece a cerveja de Flandres não lhes fazia bem, porque ambas cahiram doentes: (replicou o hediondo anão com diabolica expressão da physionomia e mostrando um frasquinho de prata, que trazia occulto no seio.) Estão ambas de cama, e a rainha para as tratar e para remedios teve de vender as joias que lhe restavam. Fui eu o incumbido deste negocio, que como bem podereis calcular, pouco rendeu: hoje es-

(1) Este Fr. José é personagem historica.

tão esgotados todos os meios; e ou a rainha ha-de abalar para Florença, ou morrer á mingoa.” —

— Bom! muito bom! —

— “E sua eminencia estará contente comigo? . . . —

— “Sim.” —

— E a recompensa que me prometteu?

— Alcança-la-has. Serás bobo do rei.

O anão empertigou-se todo.

— Agora (continuou Fr. José) ouve-me bem. Vai ter com a rainha mãe; diz-lhe que me encontraste, que soubeste aonde eu morava em Colonia, e que me vieram as lagrimas aos olhos quando me contaste a lastima em que estava, e que eu vou logo atraz de ti. —

— Basta! . . . — tornou o anão, pulando de alegria por ter que praticar nova maldade e que dizer nova mentira.

Dahi a minutos entrava Fr. José pelo quarto da rainha mãe: por certo que esta alma de condemnado, vendida a Richelieu, era em summo grau despidosa e bem familiarisada andava com o aspecto d'alheios padecimentos: mas não pôde isentar-se de certa commoção penosa ao ver Maria de Médicis coberta de mesquinho vestuario, ajoelhada á lareira da chaminé, tentando atear alguns pedaços de lenha meio-ardida, que espalhavam mais fumo do que calor, com as mãos sujas de cinza e os cabellos soltos sobre o rosto alagado de suor; longos e dolorosos esforços lhe foram precisos para se endireitar e atirar com o corpo, accurvado por annos e desgraças, para cima d'uma cadeira: logo alli ao pé da infeliz jaziam estendidas em enxergões as duas açafatas, pallidas como a morte, e que proferiam interpoladamente alguns queixumes inarticulados.

A rainha estendeu a mão para Fr. José. — “Deus vos traz aqui, meu padre: eu estava a pontos de duvidar da misericordia e da justiça divina. A desesperação e a blasphemia se me entranhavam n'alma.

— São indignas taes idéas d'uma alma christã: V. Magestade as deve repellir com toda a força. —

— Bem fallais, Fr. José, e podeis assim fallar, vivendo livre a cuberto do vosso capello, desembaraçado de todos os vinculos e affeições do mundo, e só com o pensamento em Deus. Mas eu! . . . bem sabeis, meu padre, que fui rainha de França . . . e hoje não tenho uma migalha de pão . . . Bem sabeis que sou filha de Francisco de Médicis . . . pois agora não tenho para me aquecer senão esses fragmentos de lenha podre que com minhas mãos ajuntei pelas ruas. Emfim sabeis que sou mãe, que me acho ás portas da morte e que não ha aqui um filho que ore por mim junto do leito d'agonia . . .

— Tranquillisai-vos, senhora; acalme-se a vossa desesperação; não corre perigo a vossa existencia . . . —

— E crêdes que eu não desejo a morte . . . É meu unico desejo, a unica petição que dirijo ao céu, que se digne findar com tão duras provas da minha paciencia . . .

— Attendei-me, senhora; essas provas podem ter fim, sem que seja por morte. Esplendida e regia existencia vos aguarda . . . —

— Calai-vos, meu padre, calai-vos . . . não resusciteis a esperanza no meu coração, porque o perde-la de novo acabaria comigo . . . Meu filho! . . . Luiz! . . . chegaria Rubens a abrandar-lhe o coração? . . . Perdoa-me elle! . . . chama-me para si? . . . —

— Sem que sejam tão felizes as noticias, em que tenho ouvido fallar; devem pelo menos ser-vos gratas. Aqui está uma carta que o superior da nossa casa recebeu do cardeal de Richelieu para se vos entregar, e que eu, por ordem d'elle, ia mandar para Bruxel-

las, onde julgava que estivesseis; queira V. Magestade ler. —

— Uma carta de Richelieu! . . . De Richelieu e não de meu filho! . . . Por força a nova é funesta! Vejamos sempre . . . estou costumada aos revezes! . . . —

Senhora.

“Apraz a Sua Magestade, elrei meu amo, participar-vos pela presente que elle espera que para vossa futura residencia preferireis a cidade de Florença. Sob esta condição assente em pagar-vos uma pensão de cem mil libras, encarregando-se alem disso de solver todas as vossas dividas. Rogo a Deus que conserve em sua santa guarda a pessoa de V. Magestade.

† Armand, cardeal de Richelieu.

— Ouvistes, padre José . . . — (disse negligentemente a rainha, cuja pallidez augmentava de momento para momento) — ainda acham que estou muito perto de meu filho. Quer o cardeal que eu soffra ainda mais que desterro e mingoa; quer que eu passe por affrontas e vergonhas! Maria de Médicis ha-de por-se de joelhos e receber esmolas de Armand Duplessis, que foi creado da sua casa! . . . A filha do grão-duque de Toscana ha-de voltar aos estados de seu pai a dar mostra publica da sua miseria, e a testificar o poder do cardeal! Ouvi-me bem, padre José, e contai tudo fielmente ao cardeal; já não tenho outro recurso senão este anel, foi a prenda que recebi de Henrique 4.^o no dia do casamento; Langely vai vendê-lo: viverei com seu producto mais uma semana. E depois, como uma rainha de França não pode nem deve mendigar, fechar-me-hei nesta casa e estalarei á fome. —

— Ponde de parte, senhora, tão funestos designios, accedei á vontade real, e parti para Italia. —

Ergueu-se a rainha com violento esforço, mas recabiu prostrada como se a fulminasse um raio.

— Eu morro! — disse com voz intercadente —; padre, ouvi-me de confissão; corre-me pelo corpo o frio mortal; . . . bem sinto que morro . . . —

Fr. José assombrou-se no acto de ir desempenhar uma tão augusta e tremenda missão, de que em sua consciencia tão pouco digno se achava, e respondeu. — Eu, senhora, não sou sacerdote; sou um pobre religioso; mas irei procurar-vos os soccorros espirituaes. —

Dentro em pouco voltou acompanhado por um ecclesiastico, e queria retirar-se; mas a rainha o chamou.

— Ficai, que a minha confissão deve ser publica. —

E depois de pronunciar o sacerdote as formulas sacramentaes, e do recolhimento da confessada por alguns instantes. — Meu padre (disse ella com voz debil, e a custo) accusaram-me de tentar contra a vida do soberano meu marido; é calumnia: accusaram-me de propinar veneno a meu filho; é calumnia: invoco por testemunha a Deus, ante cujo tribunal vou comparecer. Fui fraca, deixei-me levar muitas vezes do impeto das paixões: mas protesto que nada cometti que indigno fosse do meu nome e jerarchia, da corôa que me cingiu a cabeça. Os meus extremos pensamentos consagro a meu filho, á felicidade do qual com praser sacrificaria a minha vida e descanso, de meu filho a quem amo, a quem deito a minha ultima benção. —

— E perdoais do fundo da vossa alma a todos os vossos inimigos? . . .

A infeliz princesa italiana ergueu meio corpo; os olhos lhe scintillavam; fez novo esforço e repetiu. — A todos os meus inimigos. —

— E também ao cardeal? — perguntou Fr. José. —

— Também ao cardeal: perdoe-lhe Deus, assim como eu lhe perdoo. —

— Mandai-lhe pois, em signal de reconciliação, o anel de que ha pouco fallaveis . . . —

— Ah! que é muito: é muito! —

E no mesmo instante ouviu-se o rodar da sege de Rubens que parava á porta. Entrou o pintor precipitadamente; e á vista da rainha moribunda ajoelhou debulhando-se em lagrimas.

— Ah! meu Deus! . . . assim é que eu venho achar-vos! . . . mas esta miseria acabará já . . . meu filho, voltando d'Antuerpia, agora mesmo ao entrar da porta me contou tudo. Tudo é obra de Richelieu; os seus espias vos rodeavam: os vossos tormentos e até esta miseria, provem daquelle malvado, indigno do sagrado titulo que tem. —

— Silencio! generoso amigo; perdoei a esse homem. Aqui tendes este anel, conservai-o como lembrança minha . . . Adeus, Rubens! . . . meu filho . . . Luiz . . . —

E balbuciou por muitas vezes o nome do filho: — depois a voz se lhe extinguiu, os beijos ficaram immoveis, os olhos se fecharam; e os espectadores desta scena terrivel retiraram-se com o coração apertado e cheios de pavor. —

Misera rainha! — exclamou Fr. José.

Desgraçada mãe! — murmurou Rubens.

Todos se separaram, e só ficaram junto ao corpo da rainha as duas mulheres enfermas. Passada uma hora, vindo Rubens na intenção de tributar as extremas honras á infeliz princeza, achou Fr. José que mandava trasladar o corpo para a sé de Colonia, onde esteve depositado com grande pompa por espaço de oito dias: em cada um delles foi o nuncio do papa celebrar o officio funebre pela alma da rainha defuncta; e todos os habitantes de Colonia concorreram a admirar a magnificencia com que se faziam as exequias de uma pessoa que morrêra de desesperação e fome, incognita n'um recanto da cidade. Mas emfim era uma função que o povo ia ver; e não passava dahi: apenas alguns curiosos perguntavam o nome da estrangeira que jazia debaixo daquelle rico panno mortuorio, recamado d'ouro; apenas alguém lhe applicava por alma a sua oração trivial e indifferente espargindo sobre a erva meia duzia de gôtas d'agua benta.

Conta-se que Luiz 13.^o chorára muito, por dois dias, a morte de sua mãe; a qual só veio a saber oito dias depois de acontecida: mas porfim consolou-se com as facecias de Langely que, empregado junto á pessoa do rei pelo cardeal de Richelieu, em pouco tempo supplantou, no real agrado, até a galga valida do monarcha.

V.

Poucos mezes depois da morte de Maria de Médicis entrava um estrangeiro na cidade d'Antuerpia, montado n'um soberbo cavallo: mas ficou espantado com o véu de tristesa lançado sobre toda a povoação, e muito mais por ser então a epocha das festas da celebrada feira d'Antuerpia, em que de ordinario os habitantes não descansavam com folias e tangeres, afóra o bulicio do grande movimento commercial. Nem tocavam os carrilhões da torre do municipio, nem os sinos da sé atroavam os ares com alegres repiques, nem estrugiam os ouvidos os tambores dos mesteres e companhias policiaes: os cidadãos estavam ás suas portas melancolicos, perguntando com inquietação aos que passavam por noticias que segundo

parecia lhes davam muito cuidado, e estes lhes respondiam com iguaes demonstrações d'emphase e interesse. O estrangeiro, indagando para consigo a explicação de tão singular problema, encaminhou-se para a estalagem de mais fama; e assim que se apeou foi seu primeiro cuidado procurar o dono da casa; achou-o passeando gravemente, chegando de vez em quando á porta, e com os mesmos symptomas da inquietação geral.

— Bem tristes tendes as festas da vossa feira . . . (lhe disse o estrangeiro) correm por certo muito mal os negocios este anno, porque não vejo os costumados signaes d'alegria por esta occasião . . . —

— Os negocios vão indo muito bem, senhor; graças a Deus e a Nossa Senhora . . . mas foi espontaneamente decidido pelos magistrados e por todos os habitantes que não se fizessem as festas e se differissem até que a Deus, senhor nosso, aprouvesse remover d'Antuerpia a calamidade que nos ameaça.

— E que desastre temeis . . . —

— Pois ainda o ignorais, estando ha duas horas na cidade! . . . É o risco em que nos achâmos de perdermos Rubens . . . Rubens ha dois dias em perigo de vida! . . . —

Esta novidade atterrou por tal forma o estrangeiro, que foi-lhe preciso assentar-se, descorado, mal podendo ter-se de pé.

— Toda a cidade está consternada, como podeis ver; acham-se abertas as igrejas, porque se fazem preces publicas, para alcançar da misericordia divina que salve e dilate a vida do nosso illustre pintor . . . —

Mas já a este tempo o hospede recém-chegado não ouvia as palavras do estalajadeiro, recobrado do primeiro impeto de dor, tinha-se levantado precipitadamente e mais corria do que andava para a morada de Rubens. Grande era o ajuntamento á roda desta casa, mas apesar de tamanha affluencia de gente, não se ouvia a menor bulha, excepto um borborinho abafado, que não podia incommodar o enfermo. Se para este lado se encaminhava ao longe alguma sege, logo lhe iam sahir ao encontro pessoas do povo para que o conductor seguisse outro caminho. De quarto em quarto d'hora apparecia nos degraus exteriores da escada um creado que vinha trazer ou sustos ou esperanças a toda aquella multidão d'individuos.

— O Sr. Rubens parece estar menos abatido — dizia elle; e logo a feliz nova corria de boca em boca em voz baixa e se espalhava até os extremos bairros da cidade.

— Cresceu a febre e parece que se lhe renova o delirio. —

Bastavam estas palavras para dissipar toda a sombra d'alegria. Finalmente a todos os instantes, chegavam pagens e creados de libré a saber da parte de seus amos noticias de Rubens.

Custou muito ao estrangeiro a atravessar por entre a multidão e a chegar ao pé do creado velho, que ao vê-lo deu um grito de admiração.

— Em nome de Deus! sois vós, mestre Antonio Van-Dyck, que ha tanto tempo sahistes desta casa, e voltaes agora em bem tristes circumstancias.

— Amigo, podes admittir-me no quarto de teu amo? . . . —

— Ah senhor, que lastimoso espectáculo ides vêr! a molestia tem feito progressos rapidos e fataes. Havia algum tempo que a gôta e convulsões atormentavam o Sr. Rubens; não deixava porem de trabalhar e não alterava os seus habitos, levantava-se muito cedo, como era seu costume, e passava grande parte do dia na casa de trabalho. Ha tres dias admittiu-nos não ouvir que elle chamasse o creado do quar-

to para o ajudar a vestir: fui eu quem se resolveu a entrar... Oh meu caro senhor Van-Dyck, que scena! O meu estimado amo estava estendido e sem sentidos... Chamei soccorro, Francisco foi pelo medico, e com uma sangria o senhor Rubens tornou a si: mas d'então para cá a molestia tem peorado; o doente está sepultado n'uma continua modorra só interrompida ás vezes por um delirio em que repete amiudadamente as palavras, «pintura» gloria». Minha ama está inconsolavel; todos os filhos não largam a cabeceira da cama do pai. E o mais velho, o senhor Francisco, casado ha quinze dias, tem bem triste noivado. —»

Van-Dyck entrou na camara de Rubens e ajoelhou á entrada daquella especie de sanctuario, onde o homem de grande talento e de consumada probidade em pouco havia dar ao Creador a alma que lhe formára tão pura, tão nobre, e tão sublime. Helena estava assentada junto ao leito, e suas filhas e nora em pé atraz da cadeira choravam em silencio: os dois filhos do primeiro matrimonio, e Francisco a quem o governador dos Paizes-Baixos déra o titulo de membro do conselho supremo de Brabante, contemplavam tristes e calados as feições palidas e demudadas de seu pai. Ao pequeno ruido que fez Van-Dyck entrando no quarto, o doente ergueu vagarosamente a cabeça e espalhou a vista por toda a casa, como um homem que acorda de prolongado somno, e distinguindo o seu antigo discipulo, estendeu-lhe a mão que este levou respeitosa e aos lábios.—

—«Dou graças a Deus por vos trazer á minha presença nesta hora solemne (disse Rubens ao recém-chegado); amo-te como meu filho; e grande consolação é para um pai ter na hora do passamento todos os filhos ao redor de si...—

Os soluços de Van-Dyck e da familia o interromperam...

—É penosa a separação.. (continuou) porem devemos resignar-nos com os decretos da Providencia. E não tem ella sido muito mais misericordiosa comigo do que com outros?... Deu-me o amor ao trabalho; dignou-se corôar felizmente os meus esforços; e devo-lhe emfim um bem ainda mais precioso, isto é, a ternura de vossa mãe, a vossa respeitosa affeição e o bom e honrado procedimento com que tendes recompensado os meus desvelos. Preso-me de ter sido homem de probidade; e fui feliz na carreira da minha vida: acceite o Omnipotente os meus louvores, e chame-me para si: comparecerei no tribunal divino com temor, mas sem terror, e vou cheio d'esperança na bondade infinita. Ide, meu querido Francisco, chamar o cura para ouvir a minha derradeira confissão. Preciso me é aproveitar para cumprir este dever os poucos momentos de vigor e rasão, que me permite a moléstia.—

Pouco depois Rubens referiu ao confessor summariamente toda a sua vida, em que numerosos actos beneficos remiam os erros inevitaveis á fraqueza humana. O sacerdote, vertendo pranto, lhe lançou a absolvição; e no quarto entraram outros ecclesiasticos, a familia do enfermo e Van-Dyck.

Findas as ceremonias da extrema-unção, ceremonias graves, para as quaes parece que a igreja catholica reservou as suas mais affectuosas orações: Rubens disse o adeus extremo á sua lagrimosa familia. —Despedi-vos do mundo, alma christã! —exclamou o sacerdote, e chegando-se para uma janella disse á multidão de concorrentes na rua: —Orai, meus irmãos, a alma do justo está na presença divina! —

Gemidos dolorosos corresponderam a estas palavras: dir-se-hia que todos os habitantes d'Antuerpia perderam seu pai. A fatal noticia circulou logo pela ci-

dade; os templos encheram-se de povo, que afluia a orar por alma daquelle a quem devia Antuerpia tanta gloria, esplendor e riqueza: os magistrados unanimemente decidiram que se erigisse um monumento a Rubens á custa do municipio, n'uma capella da igreja parochial de S. Thiago, por detraz do côro. «Finalmente, (narra Decamps nas *vidas dos pintores flamengos* &c.) no dia do funeral, adiante do ataude ia um cochim de veludo preto com uma corôa dourada em cima. A principal nobreza, o clero, os artistas, os amantes da pintura, todos os cidadãos e populares assistiram a estas ultimas honras.»

Ainda hoje se vê, por cima do altar da capella funebre de Rubens, um quadro em que elle proprio se retratára e suas duas mulheres e seu pai. De frente do altar está collocado o tumulo de marmore com uma extensa inscripção latina em estylo lapidar, que relata os merecimentos do insigne pintor, as honras que recebeu, os encargos que teve, sua linhagem, data da morte com os annos que contava (falleceu de 64), e o nome d'um seu descendente pelo lado materno, que mandou abrir a inscripção e restaurou o monumento em 1745.—

*

No mesmo dia em que se celebravam as exequias de Rubens em meio da sincera dôr de toda a povoação de uma cidade, chegava a Paris, á igreja da abbadia de S. Diniz, um caixão de chumbo, que um sachristão ajudado por tres obreiros, desceu desleixadamente ao carneiro da capella real dos reis de França; e que acabada a tarefa procurou na algibeira um bocado de papel que lhe tinham dado, e que continha o nome que se havia gravar no caixão. O nome era — *Maria de Médicis*.

— Quem era essa creatura? — perguntou um dos trabalhadores.

— Não sei (respondeu o sachristão) devia ser pessoa d'alta jerarchia porque vem para tal jazigo... Disserão-me que o caixão vinha de Colonia... Esperai lá, que ainda por baixo do nome ha uma linha escripta a lapis, em que não reparava. Vejamos: *Maria de Médicis, rainha de França*. —

— Era a mãe do rei, Luiz 13.^o —

— Não ha duvida: e cuidava eu que já ella tinha morrido ha mais de vinte annos. —

E ao dizer isto foram-se recolhendo, pensando bem pouco na pessoa de quem tinham fallado. — Hoje em Anvers a creança mais pobre do povo sabe o nome de Rubens, e vai mostrar-vos a capella onde repousam os restos mortaes do eximio pintor.

MAIS ALGUMAS PALAVRAS ACERCA DE RUBENS.

Dos *estudos moraes* de Mr. Henri S.^t Berthoud extrahimos o romance historico que acima deixámos concluido, e que se funda em factos conhecidos da vida de Rubens; porque é verdade que este pintor, o mais illustre da eschola flamenga, foi encarregado de commissões importantes pelos soberanos, que no artigo citado se mencionam, e viveu com grande fausto, tendo adquirido por seu talento e trabalho muita riqueza: igualmente é verdade que Maria de Médicis morrêra em 1643 na casa que elle possuia em Colonia. O caracter franco e generoso de Rubens, o dominio de Richelieu sobre Luiz 13.^o, a especie de idolatria que ao insigne artista consagravam os seus compatriotas, as pomposas honras funebres que lhe fizeram, são tambem factos que constam das *vidas dos pintores*, das biographias, e das historias daquelles tempos.

Rubens procedia de familia nobre e rica, oriunda d'Antuerpia, mas que se tinha refugiado em Colonia, por occasião das discordias civis que rebentaram na Belgica durante o seculo 16.^o Nesta ultima cidade nasceu o grande pintor a 29 de Junho de 1577: deram-lhe cuidadosa educação, tanto moral como litteraria, que lhe foi de grande proveito no decurso da vida: porquanto Rubens, alem de outros conhecimentos mais importantes, fallava latim como o idioma proprio, e sabia as linguas franceza, ingleza, italiana e hespanhola. Começou a sua aprendizagem de pintura em Antuerpia; e contando apenas 23 annos, não tendo já que estudar com os professores do seu paiz, partiu para Italia. Depois de em Veneza examinar as obras primas de Ticiano, Paulo Veronense, e Tintoreto, recolheu-se á côrte do duque de Mantua, que tendo noticia do notavel talento do artista principiante, o mandou chamar, e o fez seu pintor e camarista: o duque foi o primeiro soberano que avaliou a propensão e habilidade do artista para negocios diplomaticos, e por isso o incumbiu de appresentar a Philippe 3.^o d'Hespanha o presente que lhe enviava. Desempenhado este cargo, visitou Rubens as principaes cidades d'Italia, incluída Roma, para estudar as obras dos mais famosos mestres. Seguiram-se em differentes epochas as diversas commissões, que desempenhou, como já dissemos, sem que no meio de tão serios cuidados lhe esquecesse a sua arte predilecta, a pintura: parece impossivel como lhe sobrou tempo para legar á posteridade tão numerosos e tão variados primores do seu pincel fecundo. Longa seria a enumeração das suas obras, disseminadas hoje por toda a Europa: com tudo não omittiremos: 1.^o a *elevação da Cruz*, quadro que pela *expressão, execução, e composição* tem merecido os applausos de todos os entendedores: 2.^o a *crucifixão de Christo entre os dois ladrões* [na igreja de franciscanos reformados em Antuerpia]; é esta uma das estupendas obras da pintura, dignas d'admiração dos vindouros: 3.^o o *descimento da Cruz*, quadro, que os mestres collocam a par das maravilhas de Miguel Angelo e de Raphael: diz o celebre critico das bellas-artes, Reynolds, que neste painel o *Christo* é a figura mais acabada que um pintor podia lançar sobre a téla: preciso era o vigor do pincel de Rubens para commetter a ousadia de pôr logo a par do *colorido da carne* aquella *massa de branco*, isto é, o lençol em que vai deitado o corpo do Redemptor. Todos admiram, neste *sublime poema* a expressão, o desenho, o colorido. É a obra prima de Rubens. Os nossos leitores podem julgar da invenção e composição deste quadro admiravel pelo desenho que demos no principio do N.^o 155, a pag. 121 do presente volume.

Para que se faça idéa dos recursos que a nobilissima arte da pintura, alem de alguns bens herdados, facilitou a Rubens, narraremos um facto acontecido com elle neste nosso reino. — Quando este grande pintor estava na côrte de Madrid, o Sr. D. João, duque de Bragança [depois 4.^o do nome na gloriosa serie dos nossos monarchas], principe não só amante mas tambem cultor das artes, convidou-o para vir ao paço de Villa-Viçosa, onde o esperava desejando conhecê-lo. Tal foi porem o fausto e comitiva e numero de pessoas illustres, que acompanharam Rubens nesta jornada, que o duque de Bragança, receoso de admittir tão numeroso e esplendido ajuntamento em sua casa, em tempos em que o governo de Castella lhe vigiava os passos e acções com desmedido ciúme, mandou um portador a meio caminho dar desculpas ao artista, e despedi-lo, enviando-lhe ao mesmo tempo uma quantia de dinheiro

para indemnisação dos gastos do caminho. Aceitou Rubens a desculpa, mas regeitou o dinheiro dizendo que ao pôr-se a caminho já contava com as despezas e para ellas andava prevenido. —

O infausto terremoto de 1755, acompanhado de violentos incendios, entre o semnumero de preciosidades que destruiu, arrasou o palacio dos eruditos condes da Ericeira [hoje Ex.^{mos} marquezes do Lourigal], sito defronte do mosteiro de religiosas da Annunciada; as chammas devoraram a livraria avultada e selecta, interessantes manuscriptos, e mappas dos nossos primeiros descobridores, e d'envolta com estas riquezas litterarias muitos soberbos quadros, como do Ticiano, de Corregio, e tambem de Rubens, por onde se vê que em o nosso Portugal se deu apreço ás obras deste insigne mestre, que se procuravam para adôrno e esplendor das magnificas galerias de pinturas, e que os curiosos colligiam a par dos quadros dos nossos mais insignes professores.

Segundo o que lemos a pag. 109 not. das observações criticas sobre a Estatistica de Balbi, a casa dos Ex.^{mos} marquezes de Bellas possuia alguns quadros de Rubens, entre outros de grande primor e valia, que escaparam á rapina na invasão franceza, sendo opportunamente trasladados para o Rio de Janeiro com a mudança da côrte portugueza. Nenhuma noticia mais podémos alcançar, por onde conste que em Portugal existam obras daquelle exímio pintor da eschola flamenga.

Finalmente diremos aos nossos leitores que Mr. S.^t Berthoud, auctor dos interessantes *Estudos Moraes*, publicados sob o titulo de *l'Honnête Homme*, esmerou-se em erigir novo tropheu á memoria de Rubens dando á luz no principio deste anno a obra = "*Pedro Paulo Rubens.*" = 2 vol. in 3.^o

DOS CHAPÉUS E DA SUA INFLUENCIA NA SOCIEDADE.

Diversão.

O MODERNO estado social que tanto tem facilitado a liberdade da imprensa, permittindo que um assumpto por mais pequeno e insignificante que seja obtenha logar em qualquer diario, e convide a attenção do publico, anima infinito os que pelo amor da patria, e desejo de promover o bem, empregam os seus meios em propagar as luzes e augmentar os vastos conhecimentos deste seculo. Motivos bem pequenos desenvolveram grandes descobertas: a queda de uma maçã, foi a primeira causal do systema de Newton, que é hoje considerado como um passo de gigante para o adiantamento da astronomia: — as meditações de Lavater sobre todas as carantonhas masculinas e femininas; as caravanas de Gaffl com o seu cemiterio ambulante, abriram nova e singular carreira para se alcançar o conhecimento do genero humano, e mostram-nos evidentemente quanto os signaes exteriores decidem das qualidades, talentos, perfeições e imperfeições de cada individuo. Porem o estudo destes dois homens celebres limitou-se unicamente aos que lhes appresentavam á vista narizes maiores ou menores, bocas rasgadas ou franzidas, olhos negros ou sentimentaes, protuberancias nos craneos, &c., e desprezaram um meio de adiantar rapidamente os seus trabalhos e de adquirir direito a gloria immortal. Este meio vem a ser as importantissimas observações [que deixaram ficar no tinteiro] sobre as diversas fórmas, dimensões, qualidades e arranjo dos chapéus.

Qualquer animo, ainda offuscado pelas trévas da ignorancia, com a presumpção e audacia, compa-

nheiras sempre da falta de saber, decidirá logo que sobre este assumpto nada ha que dizer; e tratando com frivolidade tudo quanto fica fóra do seu alcance, concorrerá com todas as suas forças para peorar a condição dos fabricantes da industria sombreireira tão digna de considerações, e com desmedida pertinacia ou indiferença os reduzirá ainda mais ao estado de automatós e machinas; ao mesmo tempo que estes preparando ou pello ou felpa e dispondo as fórmas para o util do seu officio, poderiam recrear tambem a imaginação com o destino e poderosa influencia das obras que lhes sahem das mãos. Não é de tão pouca importancia objecto que tanto contribue para a conservação da saude, dom o mais precioso que nos concede a Providencia; que nos livra de que refervam os miolos com a ardencia dos raios do sol; que evita os defluxos que causam as irregularidades da atmospherá; que tanto adorna a fronte dos heroes, dos monarchas, sabios e letrados, como cobre os testos do peralta, do *politiqueiro*, do bobo ou sevandija de cosinha. O penacho branco de Henrique 4.^o animava os soldados e os incitava na estrada da gloria: — o chapelinho d'um taful não deixa d'attrahir a attenção dos admiradores de ninharias — dos martyres dos coleirinhos de barba de balea. — Sabe-se que existem em Inglaterra, assim como em Alemanha diferentes seitas que seguindo diversas opiniões, differem tambem no modo de vida e traje; a dos Quakers, a mais conhecida e estimavel de todas, caracteriza-se particularmente pelos chapéus: vivem regularmente, são verdadeiros, tem palavra, a caridade é a base fundamental da sua doutrina, assim como a maior simplicidade e ordem; — tudo isto respeita á moral, vamos agora ao phisico: — não querem nem sol nem chuva, e o meio de se não torrarem nem ensoparem alcançam-no mediante um chapéu de copa baixa, abas grandes, sem ornamento algum, bem limpo e escovado (*).

O gosto leviano da novidade, que tão patente é no caracter francez, fez amanhecer um *elegante* em Paris com a idéa luminosa d'apparecer em Longchamp e Tivoli, com uma especie de solidéu no alto da cabeça com abas arrébitadas, cinzento por fóra e verde por dentro: d'aqui veio a origem dos *bolivarts*. — A moda — esse idolo que governa parte do mundo, attrahiu por tres semanas a chusma dos casquilhos, mas pouco a pouco dispersaram-se; e obtiveram um triumpho completo os chapéus pretos, que em todo o tempo tiveram a preeminencia nos annos dos mais famosos sombreireiros.

A historia antiga e moderna offerece-nos exemplos de que a modificação dos chapéus nunca deixou de acompanhar os maiores acontecimentos: no tempo em que os povos eram todos guerreiros, e os reis se punham á frente dos seus exercitos, usaram sempre de elmos, deitavam-se com elles, e sonhavam victorias: o campo d'Ourique attesta esta verdade; succubiram na batalha os mouros, como D. Affonso Henriques á sombra do seu capacete tinha sonhado na vespera. D. João de Castro, modelo da honra e do heroismo, a quem bastou empenhar os bigodes para fazer um servigo relevante á patria, tambem usava de capacete. N'outra epocha em que se juntaram ao valor as idéas cavalheirosas, apparece

(*) O contraste dos Quakers com os mahometanos é sabido, não provem senão da differença da tampa com que se cobrem. As abas grandes d'uns os fazem virtuosos, a côr vermelha do turbante dos outros, sendo a que mais concentra os raios solares, applicada immediatamente sobre o pericraneo [pois que todos sabem que os turcos tem a cabeça rapada] derretendo-lhes os miolos, os conserva n'aquella estupidez que o seu sagaz propheta quiz entre elles perpetuar.

D. Magriço de capa e volta, chapéu de perzilha e plumas, expondo a vida pelas damas. Aperfeigoou-se a tactica militar, floreceram as artes e as sciencias, e o gosto das letras; e o chapéu agalado de Frederico, o Grande, rei da Prussia, com sua fórma singular trouxe uma nova revolução nos uniformes: os generaes e cabos de guerra que não poderam adquirir o talento de Frederico, imitavam-o ao menos no que elle deixou menos digno de admirar-se e seguir-se.

No seculo de Luiz 14.^o, que tanto se distinguuiu em polidez e galantaria — em que tudo tendia a uma grande perfeição — que as senhoras consideradas como divindades tinham a maior preponderancia — que mortal nenhum se atrevia a fallar-lhes sem joelho em terra e todas as demonstrações do mais profundo respeito e acatamento, os chapelinhos armados trazidos debaixo do braço correspondiam aos topetes e resto do traje que em tudo indicava o gosto delicado desse tempo.

Estragaram os philosophos as idéas, desabusaram-se os homens, trocaram a elegancia pelo commodo; estopetaram-se uns, cortaram o cabello outros, e começaram então os chapéus redondos; confundiram-se as classes, e d'aqui data a famosa revolução franceza de 1791.

Temos pois conhecido a importancia dos chapéus, que ficando tão perto das cabeças, donde sahem de roldão todos os pensamentos, planos e projectos com que os homens podem transtornar toda a ordem e todas as cousas, não deixam de ter uma certa influencia, pelo que não são para desprezar as modificações que podem vir a ter.

Já se fizeram observações judiciosas sobre tão serio assumpto; e a obra de Mr. N . . . , bem conhecida por quem a tiver lido, intitulada *Histoire Universelle des chapeaux*, seguiu de perto a Historia Universal de Bossuet, onde as revoluções dos imperios não vem mais circumstanciadas que as das fabricas de chapéus de varias fórmas, que existiram desde os tempos os mais remotos, no livro que citamos. Circumstancias particulares escaparam infelizmente a este historiador; não faltará portanto quem as supra com aquella paciencia, genio pesquisador, perspicacia e desejo da *utilidade publica*, que em seus profundos escriptos mostraram os auctores do *Elogio da Coruja*, das disquisições sobre as cabelleiras, e de outras muitas obras, cujos titulos e noticias D'Israeli compilou!

EPITAPHIOS ANTIGOS.

{Colligidos por um curioso no seculo de quinhentos.}

1.^o

No mosteiro do Carmo de Lisboa, no meio da igreja, apparece uma sepultura grande, que dizem os padres ser d'um fidalgo, a qual tem por cima umas letras, que dizem sómente

«Trombeta.»

No mesmo mosteiro, entrando pela porta travesa, defronte da capella de N. S.^a da Piedade, está uma sepultura com umas armas, que tem um letreiro de letras latinas bem lavradas, que dizem

«Me dormientem Christus suscitet, quem quotidie expecto cum meo carissimo filio conditus hoc tumulo. Alvarus a Couto.»

*quer dizer

A mim que durmo desperte Christo, a quem eu aqui sepultado cada dia espero com o meu muito amado filho. Alvaro do Couto.

Na claustra do dito mosteiro está um letreiro que diz

Aqui jaz Pero Cegú
Que teve muito dinheiro,
E por amigos ficou nú:
Ei-lo aqui jaz sem dinheiro.

Defronte do altar-mor da igreja do mesmo mosteiro, junto das grades, está uma sepultura, que tem umas letras, que dizem

Esta é uma sepultura,
E debaixo deste penedo
Está Antonio de Macedo
Em pó e cinza escura.
Foi fidalgo muito nobre,
Rico abastado do mundo,
Em fim que cá deixou tudo,
E aqui está muito pobre.
E de seus herdeiros.
Falleceu na era de
MDLXV annos.

À porta travessa da igreja do dito mosteiro, defronte da pia da agua benta, está outra sepultura com umas letras, que dizem

«Sepultura de Beatriz Fernandes, cristalleira do cardeal, e de seus herdeiros.»

No mosteiro da Trindade de Lisboa, entrando pela porta principal á mão direita, está um letreiro mettido na parede, que mostra ser de sepultura, que diz:

«Ossa Alberti hic requiescit, anima vero ejus ubi vita paravit,»

isto é

Os ossos de Alberto aqui descansam; a sua alma aonde as obras a levaram.

Na claustra do mesmo mosteiro se vê uma sepultura com as letras seguintes

Aqui jaz Pero Machado,
O qual morreu matado.

Em S. Domingos de Lisboa, no Capitulo, está uma sepultura antiga no chão, e esculpida nella uma lança e adaga com letras gothicas que dizem

«O Alabardeiro mor, e sua mulher.»

No Capitulo do dito mosteiro se vê outra sepultura, em cima da qual está pintado um gallo, mettido n'um G, que está em cima d'um mundo, que no meio tem um letreiro que diz

Hic jacet Frater Gallerius: anima ejus requiescat in pace.

isto é

Aqui jaz Fr. Gallerio; a sua alma desçance em paz.

E pela bordadura da campa estão outras letras latinas, dignas de serem notadas, que dizem

«Spem in alium nunquam habui proeter in te, deus meus. Et continuó Gallus cantavit.»

isto é

Nunca em outro puz a esperança, senão em vós, deus meu. E immediatamente o Gallo cantou.

Na mesma casa do Capitulo, na parede della, está um letreiro antigo que diz

Aqui jaz Pero Grou,
Que como os outros acabou.

Está mais em uma casa velha do dito mosteiro uma sepultura de letras gothicas, que tem umas armas n'um escudo com um bicho, cujo rosto é de homem, e diz a letra

Pelas armas conhecerás
O que aqui dentro jaz.

No dito mosteiro, na capella de S. João, quando vão para a sacristia, está uma sepultura alevantada, e na parede della pegado um pedaço de pedra com umas letras gothicas bem feitas, que dizem

Aqui jaz Joane Anes Palbavaã,
cidadão de Lisboa, que passou feria ij
quatro dias por andar do mez
d'abril de MCCCXLviiij.

Antes de chegar ao mosteiro de N. S.^a da Graça de Lisboa, onde está uma cruz de pedra alevantada com um crucifixo, ao pé della estava uma campa, que agora não apparece, com umas letras que diziam assim

O devoto de um Deus só,
Que esta cruz aqui fez pôr,
Aqui jaz tornado pó:
Rogai por mim peccador.

No adro do dito mosteiro estava uma sepultura, que depois os frades levaram para as claustras, que diz

Aqui jaz Manuelinho, mercador, de 14 annos, que morreu espartando.

No mesmo adro estava uma sepultura muito antiga, que os frades curiosos notaram, que dizia

Aqui jaz Pero Pico,
Que viveu pouco e pobre,
E finou rico.

Outra está no mesmo mosteiro d'um que se mandou deitar dentro da igreja, e lhe tiraram a sepultura, que dizia

Aqui jaz o bem talhado,
Que morreu afogado.

Outra sepultura está na dita igreja entrando pela porta principal, com umas letras, que dizem

«Esta é a mais certa morada, que Alvaro Moraes, e seus herdeiros tiveram nesta vida.»
(Continuar-se-ha).
J. H. da C. R.